O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

24.º Anno — XXIV Volume — N.º 820

10 DE OUTUBRO DE 1901

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

BEIJO MATERNO — ESCULPTURA DO SR. FERNANDES DE SÁ
ULTIMO TRABALHO COMO PENSIONISTA DO ESTADO EM PARIS

CHRONICA OCCIDENTAL

Eleições.

Mais questionadas em projecto, menos disputadas em sua realisação, nunca as houve em Portugal.

Em certas assembléas de Lisboa quasi se não deu por isso, sendo insignificante o numero de eleitores e dando todo o tempo aos da mesa para aproveitarem o seu domingo. Só a assembléa de Alcantara é que não terminou seus trabalhos no primeiro dia.

No resto do paiz, salvo duas ou trez excepções, a lucta foi tão pequena que os carneiros nem padeceram, elles que, ainda ha tão pouco tempo, tamanha cresta apanharam.

Progressistas e regeneradores, todos n'um acordo invejavel para uma familia, caminharam de braço dado para a urna, com os mais brandos salamaleques.

Claro está que cada qual lhe espera a pancada mais dia menos dia.

O sr. João Franco é que não foi tão feliz como os amigos lhe previam, sendo minima sua representação na camara, de que o proprio chefe do novo partido não fará parte.

E as eleições de Arganil e de Coimbra foram as unicas que despertaram um nada a attenção dos politicos.

O governo obteve uma enorme maioria e o sr. José Luciano de Castro conta na nova camara com quarenta e alguns amigos.

No dia 2 de janeiro El-rei fará novo discurso, chamando para assumptos da maior importancia a attenção dos srs. deputados e dignos pares do reino, e, entretanto, os amigos d'hontem irão preparando musculosos tropos para se baterem como adversarios velhos.

Assumptos importantes de que tratem não vão faltar-lhes que, se os tempos nos correm hoje mais serenos, ainda o somno não é de todo descançado, nem as colonias nem os credores externos entrando em combinações de prolongadas sestas.

A guerra dos inglezes contra o Transvaal, ainda longe, segundo parece, de seu termo, continua a impor ao governo portuguez o sacrificio de sustentar na fronteira de Moçambique um forte contingente de tropas que façam respeitar a qualquer dos combatentes os nossos territorios

No dia 5 partiu a bordo do *Zaire* a nova expedição de tropas de todas as armas, que se dirige a Lourenço Marques, onde vai render a força que ha um anno foi servir n'aquella nossa importantissima possessão.

No contingente vão militares de todas as armas, formando um total de 814 praças e 34 officiaes.

El-rei esteve a bordo do transporte, acompanhado pelos srs. ministros da guerra e da marinha e muitos officiaes superiores do exercito e da armada. As musicas dos regimentos tocaram o hymno da carta.

Nas ruas e á porta do Arsenal juntou-se muito povo, bem como na ponte, onde houve despedidas commovedoras.

RAPTO DE GANIMEDES — ESCULPTURA DO SR. FERNANDES DE SÁ
PREMIADA NA EXPOSIÇÃO DE PARIS DE 1900

O navio poz-se em marcha ás quatro horas. El-rei assistiu á partida d'uma das janellas da inspecção do arsenal.

Os soldados tinham atravessado as ruas de Lisboa marchando com firmeza, mostrando até certo enthusiasmo. Na hora da despedida, ao ver os lenços agitarem-se, e olhos saudosos cheios de lagrimas, algum se commoveria; mas depressa limpou os olhos, afogou na garganta um soluço. Todos sabem qual é a tradição do soldado portuguez e o dever que tem a cumprir.

Um anno passa depressa. Não tardará que os outros cheguem e então, n'aquella mesma ponte onde tantas lagrimas vimos correr, em labios de mães, de irmãs e de noivas, veremos sorrisos desabroxarem á luz d'uns olhos alegres como soes.

O *Zaire* deve chegar a Lourenço Marques com uma viagem de proximamente vinte e tres dias.

Uma bonita jornada, que já se não parece com a dos tempos em que o Cabo tinha de ser dobrado pelos navios de vela, que, mais do que com as tormentas do extremo sul da Africa haviam de soffrer com as calmarias da Guiné. Quem lhes diria que tão rapida havia de ser um dia a viagem e que tão pequenino havia de ser o mundo que os homens lhe dessem volta, como dentro em annos succederá, no e-paço de quarenta dias?

As distancias diminuem com a velocidade e até Lisboa, desde que tem os electricos, nos parece muito mais pequena.

Os carros são constantes e já ninguem, como nos primeiros dias, acha perigosa a velocidade com que correm pelo Aterro, pela Junqueira, pela rua de Pedroiços fóra.

Um ou outro carro de mulas, que de quando em quando passa, parece-nos um fantasma prehistorico. E sempre falando-se em maiores velocidades, já muitos exigem dos electricos duzentos kilometros por hora.

Hora e meia d'aqui ao Porto, o que d'antes n'um velho omnibus se levava ao Lumiar!

E no meio d'isto, ha sempre os condemnados a ficar tão presos ás obrigações como os facinoras á cadeia.

E cara alegre que não ha outro remedio!

Devem ás vezes sentir o mesmo effeito que faria a uma tartaruga a historia d'um pombo correio.

Foi por isso que todos d'esta redacção faltaram ao amabilissimo convite de seu illustre collega Bento Carqueja para a festa de inauguração da Fabrica de Papel do Caima, em Oliveira de Azemeis, que, correu brilhantissima.

Viagens, ouvimos falar d'ellas e contentamo-nos com isso, parecendo-nos todas tão maravilhosas como se as delineasse Julio Verne.

Em viagem partiu no principio do verão metade da população rica de Lisboa e em viagem anda agora pelas provincias do norte o Principe Real, sr. D. Luiz, acompanhado pelo major, sr. Mousinho de Albuquerque.

Tem-o recebido com festas nas varias terras que tem percorrido para seu recreio e instrucção.

Lisboa vai falando muito no que tenciona fazer para o inverno, mas, por emquanto, pouco vai passando de suas boas tenções.

Abriu o theatro do Principe Real com a peça *A Chamariz*, que agradou muito, e brevemente abrirão os de D. Maria e D. Amelia.

As toiradas vão por emquanto chamando gente, que o verão ainda está comnosco, até quando sejam verdadeiras palhaçadas como a maior parte das que ultimamente se teem realisado na Praça d'Algés.

Por esses arredores outras teem havido chamando concorrencia; mas só duas despertaram verdadeiro interesse nos amadores: a ultima que se realisou em Cascaes e a com que foi inaugurada no dia 30 a nova praça de Villa Franca.

Suas Magestades acceitaram o convite da commissão para assistir á corrida, e Villa Franca fez-lhes uma recepção enthusiastica e realmente bella.

A corrida foi, por excepção, muito boa, sendo os toureiros todos curiosos de bom nome e tendo tido apenas o defeito de nos não ter dado a admirar o trabalho de Guerrita, que n'ella não tomou parte, como a principio se dissera.

A toirada de Cascaes foi apenas um incidente na lufa-lufa de divertimentos em que por lá anda a colonia.

Todos os dias são novas festas, passeios, concertos, bailes, sem que ninguem faça caso d'um ou outro de nariz cahido, saudoso da batota, lamuriento e mal humorado. Foi-se-lhe o ultimo grande argumento: a desgraça da terra.

A regata que na formosissima bahia se realisou no dia 29 atrahiu a Cascaes enorme concorrencia de espectadores. O vapor *D. Affonso* que conduziu os socios do Real Club Naval fundeou entre os cruzadores *D. Carlos*, *D. Amelia* e *S. Gabriel* e o hiate *Amelia* de El-rei, sr. D. Carlos.

Muitos outros vapores e barcos conduzindo familias cruzavam-se em differentes direcções, conforme as peripecias da regata, que foi animadissima e das mais interessantes que ali se tenham realisado.

As corridas que maior interesse despertaram foram as dos hiates á vela, de que sahiu vencedor o *Idalia* do sr. Manuel de Castro Guimarães, e a das guigas a remos, tripuladas por senhoras, de que sahiu vencedora a *Branca* timonada por D. Manuel de Menezes. Eram remadoras as sr.as D. Maria de Jesus Salema, D. Marianna de Lencastre, D. Maria de Jesus Gil e D. Thereza Calheiros.

A distribuição dos premios offerecidos por suas magestades El-rei D. Carlos, Rainhas sr.a D. Amelia e sr.a D. Maria Pia e pelo sr. Infante D. Affonso, realisou se á noite no salão do *Sporting-Club*.

Os exercicios phisicos estão tomando na educação da mocidade a preponderancia que ha muito a boa hygiene andava exigindo. Força e destreza são qualidades essenciaes no homem. Deixemos de cuidar que só morrinhentos são capazes de demonstrar intelligencia. Regatas, jogos physicos, gymnastica, tiro ao alvo, são optimos preparadores d'uma saude robusta resistente ás fadigas do trabalho.

A estação vai chegando ao seu termo; os theatros vão abrir; Lisboa chega-lhe a vez de animar-se e teremos por ahi assumptos mais importantes do que a revolta dos presos no Limoeiro e as providencias do sr. Paulo Cancella, aliás tão bem tomadas que os presos socegaram todos.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

«BEIJO MATERNO» E «RAPTO DE GANIMEDES»

As duas bellas esculpturas que hoje reproduzimos são obra de um pensionista do governo portuguez em Paris durante os annos de 1896 a 1901. E' o sr. A. Fernandes de Sá, actualmente no Porto, onde se encontra afim de concorrer á cadeira de esculptura na Academia de Bellas Artes d'aquella cidade.

O grupo *Beijo materno* foi a prova final, apresentada pelo sr. Fernandes de Sá ao terminar o seu curso. E' um assumpto magnifico e condignamente tratado, mostrando bem o valor do artista.

No grupo *Rapto de Ganimedes*, o esculptor recorda-nos uma deliciosa passagem de Ovidio, quando refere a desgraça da formosa Hebe, filha de Juno e deusa da mocidade, a quem Jupiter dera o encargo de lhe servir de copeira. Uma occasião, tropeçando ao apresentar o nectar, na presença dos deuses, ficou tão envergonhada que nunca mais lhes appareceu. Então Jupiter substituiu-a por Ganimedes, a quem fez arrebatar por uma aguia, tanta era a formosura e a gentileza d'este mancebo.

Effectivamente o artista soube dar a esta sua esculptura um verdadeiro encanto, que corresponde bem á idéa da fabula.

O grupo foi apresentado ao *Salon* de 1898, sendo admittido; ahi obteve menção honrosa. Na exposição universal de 1900 alcançou o premio da 3.a medalha.

O sr. Fernandes de Sá é pois um artista que muito honra o seu paiz, e cujas obras O OCCIDENTE archiva em logar de honra com o subido apreço que merecem tão formosos trabalhos do talentoso artista portuguez.

NOITE EM CLARO *

É novo para mim, anjo dilecto,
Teu amôr d'hoje e teu amôr d'outr'ora,
Parece até que se desfez a aurora
Do teu sorriso e do teu puro affecto.

O céo da vida é negro por inteiro,
E a luz do amor, que n'elle sempre havia,
— Um luar de janeiro em noite fria —
Veste o escuro setim do nevoeiro.

Ao vêr-me assim tão desgraçado e triste
Eu leio nos teus olhos soffrimento...
— Unimo-nos no Templo do Tormento,
Onde o véo de noivado não existe!

Passam-me á vista, como em furacão,
Recordações antigas pela mente,
E minh'alma que vôa, ás vezes, sente
Roçar-lhe uma aza negra, de raspão.

Correndo atraz de ti, sem te alcançar,
Sonho ou visão da minha pobre vida,
No céo a minha ideia anda perdida
Na febre de te vêr a soluçar.

E, tisico, já vejo a cura breve
Reflectir nos meus olhos, pois eu trago-a
Dentro do peito junta com a magua,
Lembrando as duas dois montões de neve.

E' funda a chaga, mas do vacuo immenso
Trasborda tanto fel n'esta hora amarga
Que, como o fumo negro da descarga,
Revolto assim e tudo quanto penso.

Na inercia a vida me parece a morte,
Preferivel a tanto desconforto;
Na valla irei viver, quando já morto,
Que em vida ser cadaver me foi sorte.

Uma aguia negra, com olhar de lume,
Me seguia no espaço o pensamento.
— Foi de tudo isto o mau presentimento,
Cujo termo na morte se resume.

Sim. Andar a gemer viver não é,
Que não é vida estar á dôr sujeito;
E hei de viver assim? tendo no peito
Morta a esperança e agonisante a fé?!...

Compôr assim uns versos sem razão,
Mentindo em tom funesto e glacial,
Era como se em funebre caixão
Se metesse um xéxé de carnaval.

Mas sentidos, porém, e em dôr cruel,
Como o proprio epitaphio que esculpisse,
Elles cahiram negros no papel,
Como se a penna em marmore os abrisse.

Eu que já fui tão desgraçado e agora
Pensava a vida ter mais socegada
Vejo que nova nuvem sobre a aurora
Vem esconder a luz da madrugada.

Constou-me, quando para casa vinha,
Que me iam despedir do meu emprego;
— Era cruel de mais a sorte minha,
Mais uma vez roubando o meu socego!

Desvairado corri a capital,
Batendo o queixo com o frio outono,
E entrei em casa como no hospital,
Onde extenuado me venceu o somno.

A companheira minha, cuidadosa,
Com affagos deixou-me a dormitar...
Alta noite acordei — noite horrorosa —
E eis-me crystalisando o meu penar...
....

(Dias depois)

Á minha frente ergueu-se a noite escura
Da divida, da fome, da miseria...
Mas até sobre a raza sepultura
O sol derrama a sua luz siderea!

Uma semana quasi já passou;
Entretanto um rapaz, meu bom amigo
N'um jornal de Lisboa me encaixou
Com uma carta que levei commigo.

Horrivel desespero de momento
Me fez lançar aqui este queixume;
Cinzas, porém, que logo espalha o vento,
Quando por si se extingue o proprio lume!

* (A um jornalista amigo)

Armando d'Araujo.

O TRABALHO NAS PRISÕES

«O trabalho é a lei que Deus impoz ao homem».

GUIZOT.

Eu já escrevi algures e repito agora: — O homem tem direito á vida, mas não tem direito de ser mandrião e desleixado em prejuizo de sua familia e de seus concidadãos.

As sociedades pendem hoje para um estado meio anarchico e de rapina, e é incontestavel que o excessivo amor de prazeres e de gosos mais ou menos censuraveis, bem como a repulsão systematica para tudo quanto demanda esforço e encerra difficuldades, debilitando os organismos physicamente, pervertendo o ser moral, afasta do trabalho e approxima do crime.

Os governos de nossos dias não podem permanecer de braços cruzados perante o perigo temeroso e social que resulta da existencia de ociosos em liberdade. E se isto assim é em relação a individuos na posse de seus direitos, com razão mais forte importa regular as prisões de maneira que os custodiados se occupem sempre em algum serviço.

«E' hoje ponto assente, em direito criminal, escreveu o professor Alvaro R. L. Valladas em sua *Economia Elementar*, que os individuos condemnados a reclusão nas penitenciarias não devem viver na ociosidade, não só porque, como lá diz o aphorismo, é ella a mãe de todos os vicios, que depois os acompanhariam na liberdade, mas tambem porque seria requinte de barbaria e de inepcia deixar morrer de inacção e de aborrecimento os criminosos, sem tirar, ao menos, do seu trabalho ligeira compensação ás despezas da justiça».

Como acaba de ver-se o auctor da passagem transcripta allude aos captivos das penitenciarias. Não são porém esses os unicos para os quaes o trabalho tem importancia moral de significação altissima: semelhante modalidade psychologica comprehende legitimamente todo o individuo recluso, pois que, se é bom alimento de exercicio para os membros do corpo é tambem hygiene salutar e nobre estimulo para a alma.

Com effeito, os casos de regeneração observada em todas as cadeias do mundo provam com eloquencia que só excepcionalmente e em condições pouco vulgares ella se operou de um modo radical e perduravel em vida ociosa.

Ao contrario, em regimen de trabalho, muitos presos teem perdido maus habitos e tendencias viciosas de maior ou menor grau de intensidade, e conseguiram adquirir titulos de recommendação á confiança publica quando restituidos á liberdade.

No *Diario do Governo* n.º 217, de sexta-feira 27 de setembro ultimo, appareceu o novo *Regulamento das cadeias civis do continente do reino e ilhas adjacentes*, que depois foi publicado no n.º 218, de sabbado, por haver sahido inexacto no primeiro dia.

O diploma citado abrange 31 capitulos, distribuidos por 216 artigos e é firmado pelo actual ministro da justiça, conselheiro Arthur Alberto de Campos Henriques, em data de 21 de setembro.

Confesso desde já que a sua leitura, que levei a cabo com a maxima attenção, me deixou perfeita e agradavelmente impressionado.

Aquelle documento revela deveras um estudo aturado e profundo, um espirito pratico e conhecedor das necessidades do actual momento historico, n'uma palavra, uma boa vontade esclarecida por um desejo levantado de prover de remedio seguro e efficaz em questão de tanto melindre e de grave complexidade.

E antes de passar adiante, quero abrir aqui um parenthesis para lembrar ao titular da pasta da justiça a conveniencia que haveria em ampliar o artigo 48 do regulamento com um paragrapho unico, concebido pouco mais ou menos nos seguintes termos: Fóra de Lisboa, Porto e demais localidades onde houver capelão das cadeias, incumbe aos delegados do ministerio publico convidar os parochos das freguezias da respectiva séde das comarcas, para o effeito de ser ministrado aos presos o ensino da doutrina christã e de serem feitas as conferencias sobre assumptos tirados dos livros santos, de que trata o mesmo artigo.

Para completa intelligencia dos leitores vou ainda registar o plano do regulamento pela designação do titulo de cada um de seus capitulos:

— Disposições geraes;
Do pessoal das cadeias civis de Lisboa e Porto;
Do director;
Do official;
Dos amanuenses;
Do professor;
Dos chefes dos guardas;
Dos guardas;
Do serviço medico e das enfermarias;
Das prisões;
Da bibliotheca;
Do posto anthropometrico;
Da secretaria;
Das penas e castigos do pessoal das cadeias;
Das licenças aos empregados;
Da entrada dos presos;
Dos deveres dos presos;
Do emprego do tempo;
Das visitas dos presos;
Da correspondencia;
Das recompensas e castigos;
Do fallecimento dos presos;
Da sustentação dos presos indigentes e forma de arrematação;
Disposições transitorias;
Disposições especiaes com respeito ás cadeias fóra de Lisboa e Porto;
Do trabalho dos presos;
Das officinas;
Dos mestres;
Dos deveres dos presos;
Dos emolumentos e forma da sua cobrança;
Associações de patronato. — Esta simples indicação sumaria mostra peremptoriamente uma resolução feliz de criterio consciencioso, em que se não poz de parte o que havia de aproveitavel em diplomas anteriores de outros signatarios.

N'este numero entraram com muito judiciosa escolha a lei de 3 d'abril de 1896 e o decreto de 12 de dezembro do mesmo anno, de responsabilidade do funccionario director da penitenciaria central de Lisboa, durante o seu consulado na pasta da justiça.

E' digna de reparo elogioso a redacção do artigo 124, correspondente ao capitulo 18 — *Do emprego do tempo* — no qual se estatue assim: «Os presos occupar-se-hão durante o tempo que estiverem na cadeia, no trabalho, na frequencia da escola, nos exercicios religiosos, no estudo, communicação com os empregados, visitas de parentes e amigos, correspondencia, preceitos hygienicos, oração e repouso».

Logo no capitulo immediato, artigo 126, é investida a direcção das cadeias em faculdades restrictivas de muito acerto e sensatez; eis o theor d'esse artigo: «Quando haja motivo legitimo e a disciplina e regimen da cadeia o aconselhar, o director poderá prohibir, durante o tempo que lhe parecer conveniente, as visitas aos presos de quaesquer pessoas».

E para tornar bem patente que por este meio só houve em vista um recurso forçado a uma triste necessidade, está condimentado e temperado o rigor do texto do artigo 126 com estas palavras de seu paragrapho unico: «Exceptuam-se as auctoridades e aquelles que estão encarregados da defeza dos réus».

A parte porém do regulamento que define melhor o proposito do legislador e que reclama certamente maior instancia de execução plena, não só para beneficio dos proprios delinquentes mas sobretudo no ponto de vista pratico de hygiene social e de educação util é a que se desenvolve a partir do capitulo 26 — *Do trabalho dos presos* e chega até final do diploma publicado.

Semelhante capitulo, que tem o sub-titulo — *Disposições geraes*, abre com o artigo 173, que diz assim: «O trabalho é obrigatorio para todos os presos conforme as suas forças e aptidões».

A este artigo 173 seguem-se mais quinze concernentes á materia do capitulo indicado, de que vou transcrever os 174, 175, 176 e 177, pelo facto de os achar em conexão mais intima com o antecedente, de que são complementos directos e integrantes:

«Artigo 174. Na organisação do trabalho de presos nas cadeias deve principalmente attender-se mais ao seu proveito e futuro, sob o ponto de vista moral, do que á receita que o estado possa auferir do mesmo trabalho, que cumpre comtudo fiscalizar.»

«Artigo 175. Os presos que não tenham officio que se exerça na cadeia, serão obrigados á aprendizagem de um, para que se não conservem inactivos na prisão.»

«Artigo 176. Os officios professados nas cadeias devem ser de aprendizagem facil, de pouca duração, que não demandem complicado systema de machinismos e cujos productos tenham facil acceitação e venda no mercado.»

«Artigo 177. Para a escolha do officio ter-se-hão em vista as aptidões e o estado physico dos condemnados.»

O artigo 189 do capitulo 27, prescreve o seguinte: «Em todas as cadeias, onde se poderem installar, haverá officinas para o trabalho dos presos, cuja sustentação ficará a cargo do ministerio da justiça, para o que sera consignada verba especial no orçamento geral do estado.»

E, finalmente, o ultimo capitulo — *Associações de patronato* — declara que o governo promoverá o estabelecimento d'ellas na capital e no Porto, podendo a seu turno as mesmas associações multiplicar-se por delegação nas comarcas de seu districto judicial.

O artigo 214 estabelece uma orientação que me appresso a applaudir com enthusiasmo fervoroso; diz assim: «Estas associações tem a seu cargo:

1.º Subsidiar as familias dos presos durante o seu captiveiro;

2.º Recolher e educar os filhos dos presos indigentes em condição identica;

3.º Proteger e collocar os presos depois de cumprida a pena em que foram condemnados.»

Tal é em seus lineamentos e traços geraes a obra de gabinete em que o conselheiro Campos Henriques, pelo menos, assumiu responsabilidade de auctor. Todavia, em qualquer hypothese, eu folgo de poder affirmar n'este momento que não é minha divisa nem tenho por costume regatear louvores a quem demonstra meritos, e o *Regulamento* de que acabo de fazer extractos, quer haja sahido inteiro da penna do ministro da justiça, quer seja o resultado de collaboração, quer tenha sido apenas revisto ou apenas sanccionado com sua assignatura, é alguma coisa de valor incontestavel que ha de ficar ligada ao seu nome como testemunho authentico de estada nas cadeiras do poder e que me permitte applicar a Campos Henriques, guardadas as distancias devidas e respeitadas as proporções rasoaveis, o raciocinio do illustre francez Sully referindo-se a Luiz XIV, o *Grande*, ao qual foi altamente prestavel o seu concurso de politico sizudo e penetrante: «E' no monarcha que recahe de direito a maior parte do louvor devido a uma boa administração; pois nunca faltam bons subditos aos reis, mas sim os reis aos bons subditos.»

Posto isto, resta-me accrescentar ao que fica exposto umas curtas observações mais.

Tudo o que se acha inserto nos *Diarios do Governo* de n.ºs 217 e 218, ácerca das cadeias, representará um passo agigantado na vida da nação portugueza se, porventura, passar do papel impresso a facto real e consumado.

Talvez o ministro devesse antes transferir os presos do Limoeiro para logar apropriado, e, procedendo por tal maneira é possivel que houvesse evitado as scenas nada edificantes que mais uma vez se repetiram, por occasião de ser exonerado por assim requerer, o director, Jorge Ernesto de Abreu Castello Branco, official superior de infanteria.

Paredes a dentro d'aquelle antro sombrio e repugnantissimo é, sem duvida, impossivel, emprehender com proveito qualquer tarefa sanitaria de moralidade e de selecção urgente.

Convem que o governo, no mais curto praso de tempo compativel com a mudança de presos de um ponto para outro, empregue esforços e diligencias a fim de retirar do centro mais populoso de Lisboa um espectaculo que envergonha justamente uma cidade culta, e que é um fóco pernicioso de maldade e uma escola tremenda e assustadora de vicios.

O bem elaborado novo *Regulamento*, mesmo esplendido, encarado á luz da philosophia e até em face do Evangelho, não pode praticar-se com efficacia em quanto os captivos do Limoeiro não tiverem outro destino.

Alem de outras considerações de natureza especial, as dimensões do edificio são argumento bastante para prova cabalissima de impedimento insanavel ás boas disposições articuladas que se pretende implantar.

Entretanto, conservo-me na espectativa, e oxalá que um maximo empenho de energia por parte de Campos Henriques vingue a transferencia dos presos em termos de vantagem social educativa. Então, galgarei a quatro e quatro os degraus de sua secretaria para o abraçar com effusão sincera!

D. Francisco de Noronha.

A GUERRA NA AFRICA DO SUL

Faz agora precisamente dois annos que o governo inglez recebeu da republica do Transvaal e do Estado Livre de Orange um *ultimatum* para que em 48 horas fossem retiradas da fronteira do Natal as tropas britannicas e suspensa a marcha de reforços para a Africa do Sul. Não tendo o governo inglez respondido áquella nota, romperam

os boers no dia 11 de outubro de 1899 as hostilidades, fazendo ir pelos ares em Kraalpan um comboio blindado que transportava artilheria para Mafeking, morrendo quinze soldados inglezes.

Decorridos dois annos de campanha ainda o termo da guerra parece distante. A lord Kitchener, «o heroe de Candahar», diz-se que vae succeder sir Redvers Buller no commando das tropas britannicas, vindo aquelle a Inglaterra e seguindo para a India a assumir ahi o commando das forças britannicas. A situação da colonia do Cabo, onde a insurreição se alastra e generalisa, é deveras alarmante. Calcula-se que no Transvaal haverá em armas uns quinze mil burghers e no Orange uns doze mil, bem aprovisionados de munições e viveres, tomados em grande parte aos inglezes. Ainda no principio do mez passado os boers incendiaram a 12 kilometros da fronteira portugueza, entre Malalane e Bros-Kopwith, seis comboios de mercadorias dirigidas para Komatipoort.

Alguns dos ultimos acontecimentos levaram a suppor-se geralmente que não tardaria a mudar a face da campanha. A ascensão á cadeira presidencial dos Estados-Unidos do coronel Theodoro Roosevelt, conhecidas as suas idéas a respeito d'esta guerra, originou o boato de que as republicas africanas lhe iam enviar uma commissão solicitadora da arbitragem, porém o presidente Kruger apressou-se a desmentir, affirmando que apenas se protestava contra a exportação de mulas e cavallos feita dos Estados-Unidos para a Africa do Sul. A necessidade que Inglaterra tem de mandar mais gente para a guerra acaba de se manifestar no ultimo annuncio, feito já este mez pelo ministerio das colonias, declarando que vae ser enviado á Africa do Sul um novo reforço de doze mil homens, dos quaes seis mil embarcarão brevemente.

A morte do emir do Afghanistan, Abdur Rahman Khan, grande amigo da Inglaterra, produziu verdadeiro sobresalto e parece que terá alguma importancia na campanha sul-africana, no caso de sobrevir qualquer complicação com a Russia, tão interessada pelo limite sul como a India ingleza pelo limite norte.

*

Pelas gravuras que inserimos n'este numero poderá o leitor fazer uma idéa do que tem sido esta guerra anglo-boer. As photographias dos campos de batalha desolam por completo, as cruzes, os monumentos funebres, são aos centenares. Os destroços e os vandalismos sem conto. As mais bellas pontes e outras obras notaveis da engenharia moderna jazem destruidas e mutiladas. Por toda a parte se vê a desordem da guerra, os vestigios terriveis da sua passagem.

Pela vista do territorio de Elandslaagte, onde os boers tiveram a sua primeira linha de defeza, comprehende-se bem quantas difficuldades houve a ajuntar ás naturaes contingencias da campanha. O terreno pedregoso desenvolve-se em alcantilados *kopjes*, outras tantas posições boers quasi inexpugnaveis.

Ao contrario as cercanias de Ladysmith mostram com quanto valor se defendeu esta cidade durante o cerco feito pelos boers.

A destruição da ponte de Colenso e a sua ponte provisoria são uma pequena amostra dos grandes vandalismos praticados contra tão importantes trabalhos. Na colonia do Natal, perto das ruinas, ficam outros signaes de devastação, levantados pelos inglezes, as sepulturas de quantos teem cahido ahi para não mais se levantar. Umas vezes são assignaladas por simples cruzes isoladas com o nome da victima, ou então formando a multidão d'ellas um verdadeiro cemiterio. Outras o terreno é tão pobre, tão arido, que apenas uma meia duzia de pedras juntas á pressa marcam a sepultura do soldado morto. Os monumentos funebres tambem abundam, ora collectivos como o que se levantou ao regimento do condado de Devon, ou como a pyramide erigida á memoria do tenente-coronel W. H. Dick Cunyngnham, commandante dos highlanders. O territorio fica coalhado do sangue dos combatentes. Soldados inglezes que tenham pizado o solo africano ascendem já a 250.000, e sir Kitchener não cessa de pedir reforços.

Nos navios-hospitaes e nos comboios-hospitaes é grande a agglomeração. As repatriações succedem-se, e a Inglaterra gasta em cada hora milhares de libras n'uma guerra terrivel e que a historia apreciará devidamente.

Guerra na Africa do Sul

TERRITORIO DE ELANDSLAAGTE

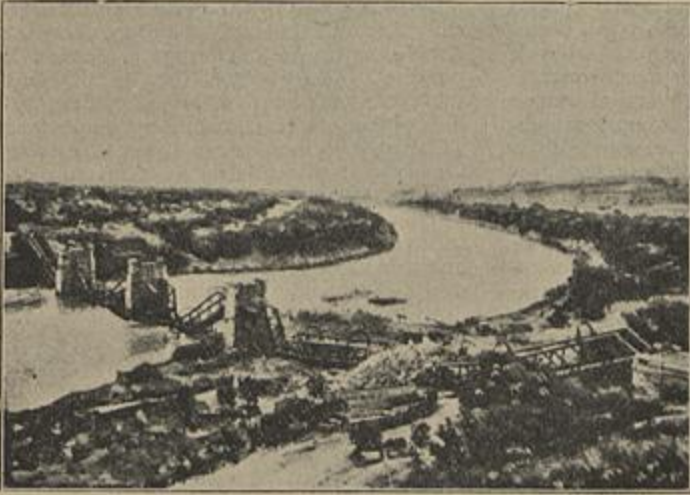
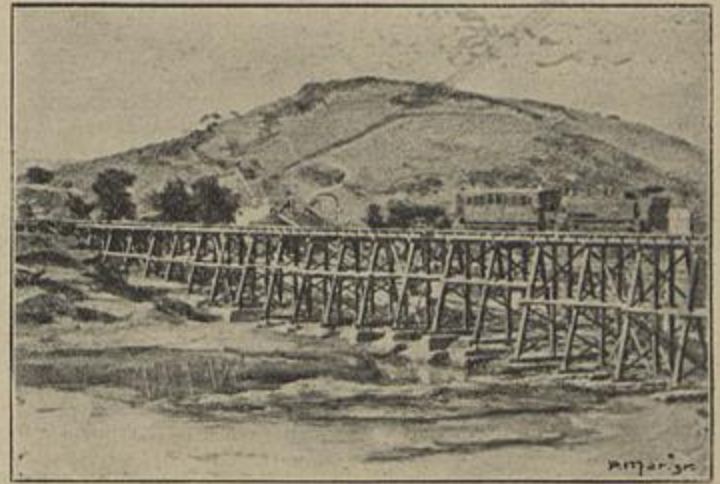
CERCANIAS DE LADYSMITH

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero 818)

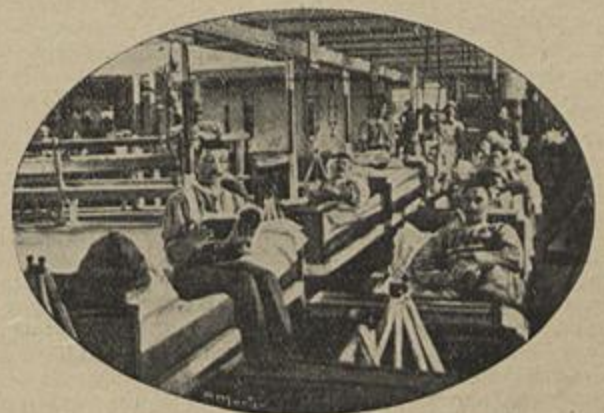
1896-1897

A decadencia da primeira scena lyrica de Portugal, que já data de bastantes annos, cada vez se vai accentuando mais, não só nos artistas e nos espectaculos de S. Carlos, mas tambem na imprensa e no publico em geral. Na sua maioria, os jornaes, em assumptos theatraes, nos ultimos tempos, mostravam-se servis aduladores, reduzindo-se quasi a fazer *réclames* diariamente, e em permanencia, ás emprezas, aos artistas e aos espectaculos! Assim, a respeito do tenor Cardinali, cuja *estreia* se annunciava para breve no *Otello*, apregoavam as folhas lisboetas quanto este tenor era estupendo, primoroso e assombroso no *Otello* de Verdi, e reproduziam, n'esse

Guerra na Africa do Sul

DESTRUIÇÃO DA PONTE DE COLENSO

PONTE PROVISORIA EM COLENSO

TUMULO DO CORONEL W. H. DICK CUNYNGHAM

SEPULTURA DO TENENTE GENERAL SIR W. PENN SYMONS

INTERIOR DO COMBOIO-HOSPITAL PRINCESS CHRISTIAN

CAMARA D'UM NAVIO HOSPITAL

sentido varios trechos de jornaes do Porto, onde elle ultimamente havia cantado; exaltando assim, de antemão, o artista que a empreza annunciava como novo para a scena de S. Carlos!

Aconteceu, porem, que tendo-se indisposto com a empreza, por qualquer futil motivo, um redactor de um jornal, e tendo ouvido a um velho dilettante, que Cardinali já tinha estado no theatro de S. Carlos e que fizera fiasco sendo-lhe rescindida a escriptura, assim o publicou no dito jornal, no meio de varios *sueltos* e biscas á empreza!

É de notar, comtudo, que os outros jornaes só reproduziram esta noticia, depois da fuga do tenor. Se não fosse aquelle episodio, a maior parte do publico tomaria por estreia, como diziam os cartazes, o apparecimento do tenor cujo debute em S. Carlos era já velho de mais de 10 annos!

Dizia-se tambem que o tenor não conseguindo que o emprezario lhe pagasse adiantado, e receiando um fiasco, e, como consequencia, não ser pago, resolvera fugir!

Em 12 de março de 1897, recita de despedida da Ferrani; deu-se a opera *Bohème*. Houve muitos applausos e flôres á cantora. Depois da recita foi conduzida a casa (Hotel Alliance), na carruagem de Freitas Brito, acompanhada por *dilettanti* com archotes, que lhe davam muitos vivas.

Por vezes se annunciou a opera *Aida*, com Darclée e Rosatti, mas, por doença declarada deste ultimo, não chegou a subir á scena, com estes cantores.

Darclée queria cantar a *Bohème* na sua festa artistica, mas parece que pensou melhor, e desistiu d'isso.

Em 15 de março de 1897, festa artistica e despedida de Hariclée Darclée, deu-se o seguinte espectaculo: 1.º e 4.º actos da opera *Traviata*, de Verdi, por Darclée, Rosatti e Magini Colletti; 1.º quadro do 3.º acto da opera *Manon* de Massenet, e 5.º acto do *Fausto*, de Gounod. A dama Darclée bisou a gavota da *Manon*, e depois cantou a aria do 3.º acto da opera *Aida*. O tenor Rosatti, que, apesar de estar com uma bronchite, se prestou a cantar, a meio da recita já não podia piar! A Darclée foi muito festejada, teve muitas flôres, e foi conduzida em carruagem a sua casa (Hotel Bragança), acompanhada por *dilettanti* com marcha *aux flambeaux*, e philarmonicas. A rainha D. Maria Pia deu lhe um bracelete com brilhantes.

Na noite de 14 de março, anniversario natalicio do rei Humberto I de Italia, a Rainha Maria Pia deu um sarau, depois de um grande banquete. No sarau cantou Darclée, acompanhada ao piano pelo maestro Sarti. Tocou violino Victor Hussla, Rey Collaço, piano, e Cunha e Silva, violoncello.

Em 29 de março, em beneficio da familia do fallecido camaroteiro Froes Nery, deu-se o seguinte espectaculo: *Cavalleria Rusticana*, de Mascagni, por Vendrelli, Marenzi, Colonna, Sigaldi, Hernandez; 3.º acto da opera *Ernani*, de Verdi, por Vendrelli, Colonna, Sigaldi, Beltrami, De Grazia, Ragni, Franzini; 3.º acto da opera *Lucia*, de Donizetti, por Vendrelli, Sigaldi e Fabro. A orchestra tocou a symphonia *Saul* de Bazzini; Giovanni Berti tocou tres peças no violoncello, e Elena Fons cantou umas cançonetas espanholas.

Em 31 de março, ultima recita de assignatura e da epocha lyrica, deu-se o 3.º acto do *Ernani*, e o 1.º, 2.º e 3.º da *Carmen*, fazendo Elena Fons a parte de protogonista; a orchestra tocou a symphonia *Saul* de Bazzini

Em 5 de abril de 1897, houve, no salão da Trindade, em homenagem a Carlos Gomes, grande sarau dado pela Real Academia de amadores de musica. O ministro do Brazil desvendou o retrato de Carlos Gomes. A orchestra tocou o hymno brazileiro e o hymno da carta. Estiveram: Rei D. Carlos I, rainha D. Maria Pia e infante D. Affonso Henriques. Recitaram poesias: João Rosa, (de Luiz Guimarães), Augusto Rosa (de Lopes de Mendonça), Eduardo Brazão (de Bulhão Pato), Chaby, (de Thomaz Ribeiro)

A orchestra tocou o *epitaphio*, de Augusto Machado, *Pensiero funebre*, de Carlos Gomes. Cantaram trechos d'este auctor, o tenor Antonio Andrade, o soprano (amadora) Ida Blank, o tenor Franco de Castro (amador); tocaram violino Alice Dias da Silva e Cecil Mackee.

A epocha de 1896-1897 ficou memoravel pelo eclipse de muitos tenores, e magreza de algumas damas. Com effeito, accentuou-se logo a principio qualquer d'estes factos caracteristicos da epocha.

O tenor Masini, cujo nome figurava no elencho official da empreza, nunca appareceu, no que se não perdeu nada, porque, já na ultima vez que cantou na scena de S. Carlos, mostrou estar muito estragado, desafinando muitas vezes, e cantando cada vez mais fóra de tempo e de maneiras disparatadas.

Os tenores Marconi, e Suañez, desappareceram fugindo de Lisboa, depois de cantarem em poucas recitas, como já ficou dito.

O tenor Cardinali fugiu depois do ensaio geral, não chegando a cantar em recita alguma n'esta epocha.

Ao tenor Corrado foi rescindida a escriptura.

O tenor Rosatti que sustentou quasi a epocha toda sósinho, dotado de fraco orgão vocal de tenorino, ressentiu-se d'esse excesso de fadiga e adoeceu; prolongando-se uma pertinaz bronchite por tanto tempo, que, apesar do artista tentar muitas vezes cantar, enrouquecia immediatamente que se esforçava, tendo afinal que cessar, temporariamente, de cantar, o que obrigou a empreza a suspender as recitas de assignatura, de 8 a 19 de março, aproveitando este intervallo para escripturar a dama Fons que debutou no dia 21 d'esse mez na opera *Mefistofele* de Boito, em recita extraordinaria, anniversario natalicio do principe real Luiz Filippe, e o tenor Sigaldi que debutou na opera *Asrael*, de Franchetti, em 22 do mesmo mez. Cinco vezes foi annunciada a 42.ª recita de assignatura antes de se poder realizar.

Muitos d'estes contratempos eram, pela empreza, attribuidos a intrigas de José Pacini, desde algum tempo mal com Freitas Brito, e que desejava substituir este na empreza do theatro de S. Carlos, o que conseguiu, como adiante diremos.

Nas damas Barberini, Rappini, Marchesini, Ferrani, Marenzi, as carnes, especialmente nas tres primeiras, eram escassas; pareciam tisicas ou com falta de nutrição. Comtudo a Ferrani era muito simpathica, e a Rappini era bonita, e na *Carmen* revelou-se artista de talento; a sua voz era, porém, pouco valiosa e o canto pouco correcto.

O final da epocha lyrica foi vergonhoso; espectaculos aos retalhos, ora annunciados ora mudados; substituições repetidas de cantores nas mesmas operas; o pobre Rosatti era o tenor unico, sobre cuja cabeça continuava a pezar a possibilidade do andamento dos espectaculos; chegou a ser phantastico. Deu-se uma vez (em 27 de março de 1897), um fragmento de *Mefistofele*, um acto da *Gioconda*, e a *Cavalleria Rusticana* com a Marenzi) em lugar da Marchesini, a qual ouvia esse espectaculo na plateia! a parte de *Santuzza* na *Cavalleria Rusticana* foi successivamente cantada por Barberini, Fons e Vendrelli, estando todas estas tres damas na mesma occasião em Lisboa de boa saude!

Foi comtudo uma das epochas em que mais dinheiro ganhou o emprezario; as recitas extraordinarias, que foram numerosas e bastante concorridas, e a longa ausencia de tenores, concorreram poderosamente para o augmento dos lucros. Chegou a ponto de se darem em recitas extraordinarias, os debutes de Marconi, e Darclée, artistas já conhecidos do publico de S. Carlos, e as primeiras recitas de operas novas, fora as festas artisticas dos cantores etc; havendo muitos assignantes que ficaram com os seus camarotes e lugares de plateia, para taes récitas, algumas da s quaes por preços mais elevados!

Mas não ha bem que sempre dure nem mal que não acabe; e, apesar das altas diligencias que fez, Freitas Brito não conseguiu continuar a ser emprezario do theatro de S. Carlos.

Em quanto ao abuso de recitas extraordinarias, por altos preços, e espectaculos insignificantes, que tanto indignou o publico, em geral, e os assignantes em particular, n'esta epocha, tornou-se nos annos seguintes, como veremos, materia corrente, e por assignatura, com consentimento da auctoridade, indolencia e toleima dos assignantes, e grande gaudio da futura empreza.

Na primavera de 1897, houve no theatro D. Amelia representações de uma companhia lyrica italiana, em que figurava de emprezario Joaquim Ottolini da Veiga.

(Continúa) *F. da Fonseca Benevides.*

FOLHEANDO A HISTORIA

A Hespanha tem paginas brilhantes na sua historia.

Vultos eminentes, em todos os campos, orgulham o povo castelhano que, na ostentação dos seus pergaminhos, aponta a honra como timbre e o valôr como divisa.

Dotada de uma imaginação ardente e d'um sentimentalismo vibrante, a grande patria do *Campeador*, embora, por vezes, se exceda nos transportes do enthusiasmo, tem qualidades, essencialmente, viris, attributos notaveis cuja superioridade é incontestavel.

Expansão colonial, prestigio militar e politico, grandiosidade de monumentos, excellencias litterarias, colorido de telas, singularismo musical, feição especial de caracter, tudo põe em evidencia esta heroica nação, cujos sóes de gloria parece que se precipitaram nos abysmos insondaveis do tempo, para fazer prevalecer horas amargas, dias funestos.

De facto, a Hespanha tem sido victima de terriveis infortunios e só na sua grandeza moral poderá encontrar remedio para os seus males, resignação para as suas desditas.

Nos tempos em que o Cid escalava os muros de Toledo e os reis *Catholicos* conquistavam Granada; quando as suas caravellas, ao mando de Colombo e de Magalhães, devassavam os segredos dos oceanos e o duque d'Alba entrava triumphante em Portugal; nos dias ditosos em que o theatro de Vega e de Calderon brilhava pelos recursos da sua rara fecundidade; na epoca feliz em que Cervantes revolucionava o gosto litterario e Murillo se immortalisava com as tintas da sua palheta, a famosa peninsular nem sequer sonhava com o seu reverso de medalha e, enebriada de gloria, delirante de venturas, não escutaria, por certo, a voz melancolica do vidente que lhe segredasse o destino das velhas nações, aliás bem symbolisado na sorte da armada *invencivel*, rir-se-hia, com desdem, de impertinentes prophecias, ou, em assômos de rancôr, viciferaria, altiva, contra predicções de dura realidade.

No seculo XVI, a Hespanha offerece-nos um quadro imponente em que o genio d'um homem revolve a Europa inteira.

Tomando a corôa de Castella por herança e a de Allemanha por eleição, Carlos I no throno hespanhol e V no germanico, é uma d'estas figuras extraordinarias que surgem de seculos a seculos; enchem uma epoca e descem á campa legando um nome que se não esquece.

Emprehendendo a gigantesca empreza de restabelecer a unidade do imperio carlovingio, não recuou diante de obstaculos, nem, tão pouco, se intimidou em face de situações perigosas.

Quando a astucia da diplomacia não vingava, a força poderosa das armas era o argumento supremo, e em batalhas renhidas, como as de Pavia, Goleta e Muhlberg, Carlos V coroava-se de gloria, e nos triumphos de uma ambição desmedida e d'uma vontade despotica, era o dictador absoluto a cujas determinações era forçoso obedecer.

A sua vida é um conjunto de acções de larguissimo fôlego, rematada, singularmente, por uma resolução inesperada.

Semelhante ao nosso *Condestavel*, que, depois de uma missão gloriosissima, se recolhe á solidão do claustro, Carlos V, o grande potentado depõe a corôa e o sceptro e, no mosteiro de S. Justo, termina a sua carreira ruidosa.

A historia regista factos d'esta ordem como acontecimentos singulares, classifica-os como manifestações d'um espirito *sui generis*, em que a incoherencia é, talvez, attributo predominante.

Expansibilidade e concentração são qualidades antagonicas, orgulho e humildade attributos incompativeis.

Para que o personagem do grande mundo se converta na pallida figura do retiro é forçoso que a alma se transforme, que a indole soffra completa inversão.

A cruz e a espada, ainda que symbolos diversos, alliam-se perfeitamente e guerreiro não exclúe a qualidade de religioso, visto que o ferro, brilhando com os lumes da fé, tantas e tantas vezes contribue para o triumpho da justiça, base firme de todo o edificio moral e religioso; mas o cenobio e o gabinete de diplomata, a cella e o campo de batalha é que são recintos bem diversos, teem attractivos de natureza contraria e espirito que se seduza por uns, será refractario a outros, por isso o filho de Joanna a *louca*, abandonando o throno para se recolher ao claustro, despindo a couraça para envergar o habito monastico, despertou a maior sensação e com tão estranho procedimento tornou-se objecto de um estudo especial.

Todavia não se cifra n'esta estranha resolução o extraordinario do ultimo periodo da sua existencia; quiz attingir o cumulo da excentricidade e o regio monge de S. Justo, ordenou, segundo resa a antiga chronica, a realisação dos seus funeraes em vida!..

A elles assiste, com animo notavel, em eça magnifica, levantada no centro do templo, devidamente cercada de lumes e velada com riquissimo panno mortuario!...

O rei Filippe, seu filho, e a côrte, convidados para comparecerem no funebre espectaculo, parece que não quizeram, com a sua presença, sanccionar a insolita cerimonia, e a ella, apenas, assistem, assevera, erradamente, alguem, dois obscuros rapazes que o acaso fez protegidos do excentrico imperador e que vieram a ser duas glorias

notabilissimas da Hespanha — Miguel de Cervantes e Estevão Murillo. [1]

Os cerebros mais robustos e melhor orientados podem, de um momento para o outro, perturbar-se e, quantas vezes, succede as sombras da demencia substituirem a luz vivida da intelligencia, e, na realidade, se o que se tem escripto, ácerca de Carlos v, não é mera fabula, esse homem notavel dá um tristissimo exemplo do seu bom senso e provoca, naturalmente, umas apreciações que lhe não são muito honrosas.

A retirada do mundo, para se internar em S. Justo, já não é caso vulgar, mas que poderá explicar-se por particulares motivos.

As suas venturas abandonando o, por fim, desastres serios de que foi victima, complicações diplomaticas collocando o em embaraçosa situação, saciedade de um viver extremamente complexo e agitado, tedio por falsos aduladores, rebates de doença que lhe consumia as forças e lhe roubava a alegria, levaram-no, talvez, ancioso de descanço, a abdicar o governo de Flandres e Hespanha em seu filho e o de Allemanha em seu irmão D. Fernando e a transpôr os umbraes do convento de Placencia, d'essa bella cidade onde o genio architectonico mourisco tanto se distinguiu e nos falla, com a melhor eloquencia, de tempos idos, de gerações extinctas.

A famosa scena dos obsequios funebres em sua honra é que só encontra explicação n'um completo desequilibrio mental, que restos de velha auctoridade impôz e nescia condescendencia de vassallos acceitou.

O caso é, devéras, originalissimo e tem uns perfumes de curiosa anedocta, d'entre muitas, que, infelizmente, matisam a historia e lhe tiram a seriedade.

Historiadores modernos consideram-no pura lenda [2] e com respeito á sua profissão religiosa, reduzem-na aos justos limites julgando-a, apenas, um simples afastamento da vida ruidosa da côrte, para, em logar pacifico, continuar a dirigir a nau do estado, não obstante, a sua indiscutivel abdicação.

Em face de documentos de confiança, desapparece a falsa noção de Carlos v, frade, exclusivamente, dedicado a cuidados espirituaes e occupando-se, nas horas vagas, em distracções pueris, fabricando avesinhas de papel, moinhos de ferro e concertando relogios, para dar logar á de Carlos v, mundano, no goso d'uma existencia repleta de bem estar, habitando magnificos aposentos e bellos jardins preparados na austera casa de S. Justo, para o monge de nova especie, que inflamado no mais *puro* ascetismo não dispensa a mesa opipara e a criadagem numerosa.

Impôndo-se, ainda, como mandante jubilado, a sua opinião sobre questões publicas era, a miudo, solicitada e acolhida com respeito, intervinha, mesmo, nos mais particulares negocios e, não raras vezes, fazia valer vontade energica, impulsos caprichosos.

O original soberano da velha Hespanha, longe, pois, de ser, nos seus ultimos dias, um asceta fervoroso, entregue á contemplação, mortificando as carnes com cilicios e a alma com penitencias para attingir o ideal da perfeição mystica, não passa de um commodista sagaz que explora a situação emquanto a fortuna lhe sorrie, mas que deserta, com os trophéos de adquirida importancia, aos primeiros symptomas de decisivo infortunio, ao compenetrar-se do reviramento do destino, evitando, com finura, o desastre total.

E nos desfallecimentos da sua antiga energia, na fraqueza d'esse pulso de ferro com que esmagava adversarios poderosos e no insuccesso d'essa habil diplomacia com que removia graves difficuldades, representa, perante o mundo, uma comedia com que illudiu a proverbial bôa fé de antigos chronistas que, suggestionados pelo sensacional procedimento de Carlos v, foram induzidos, de credulidade em credulidade até á famosa lenda dos funeraes, de ridicula memoria.

O seculo inicial da Edade moderna, que tanto se notabilisou por acontecimentos da mais alta importancia social, que presenciou ousadas navegações e arrojados feitos d'armas, que se deslumbra com os brilhos da Renascença e se convulsiona com os effeitos da Reforma, não quiz deixar de distinguir-se com as singularidades de um vulto eminente, que, ora personagem da historia, ora figura de romance, junta aos pergaminhos da realeza os fóros da immortalidade.

Damasceno Nunes.

[1] Lê-se no *Mosaico*, jornal de instrucção e recreio, que Cervantes e Murillo, recolhidos em S. Justo por Carlos v, foram seus collaboradores nos preparativos para as simuladas exequias.

Murillo figura, na narrativa, com a idade de 15 a 16 annos, pintando escudos e ornatos para as funebres armações, e Cervantes, um pouco mais velho, compondo disticos que se relacionassem com as pinturas do seu companheiro.

Ora Carlos v morreu, pouco depois, dos seus funeraes, no anno de 1558; Cervantes contaria, então, 11 annos, visto ter nascido em 1547 e Murillo nasceu em 1613.

O inverosimil é, portanto, evidente: o grande pintor veiu a nascer 55 annos depois das celeberrimas exequias e o famoso auctor do *D. Quichote*, alem de não poder figurar junto de Murillo, por este ainda não existir, não se revelaria, pela sua curta idade, o poeta de alto valor que, no dizer do *Mosaico*, tão bom serviço prestou ao imperador-monge.

Os dois artistas nem mesmo chegaram a ter relações de camaradagem. Murillo tinha, apenas, 3 annos quando Cervantes morreu (1616).

[2] Alem da Egreja não permittir, em honra de vivos, ceremonias, exclusivamente, reservadas para os mortos, os intimos do imperador guardam completo silencio sobre este ponto, sendo, aliás, bem minuciosos em esclarecimentos que legaram ácerca do seu soberano.

UM SEGREDO DE MULHER

POR

Eugene Berthoud

Raul retirou-se, valendo-lhe aquella noite por dez annos de galeras. Ao primeiro arraiar da manhã, a prostração venceu-o; pouco a pouco, o fresco alvorecer e o chilrear dos passaros nas arvores do jardim amorteceram-lhe a febre, trazendo-lhe melhores pensamentos. Lembrou-se do feitio leal de Aurelia, do seu tão dedicado affecto, do seu odio á mentira; entre si fez suas observações, ralhou comsigo mesmo e resolveu ir ter com a mulher, dar-lhe conta de suas suspeitas, que mais não fosse senão para que ella lhe demonstrasse quanto era injusto.

Pelas nove horas vestiu-se e foi ao quarto da mulher.

— A sr.ª? perguntou elle á criada.

— A sr.ª sahiu.

— Sahiu! repetiu pasmado. E onde foi?

— Foi ao banho.

Guérac enfiou.

Ao banho! O pretexto sediço de todos os romances aterrou-o pelo absurdo. Ao banho!... Então agora tomava banhos lá fóra?

Viu-se n'um segundo trahido, troçado, deshonrado. Não disse nem palavra; metteu uma pistola na algibeira e sahiu.

Um quarto d'hora depois estava na praça Lafayette.

Um fiacre estava parado não longe do hotel do Mississipi e no limiar do edificio o sr. Arthur Champitrel, de casaca preta, de guardanapo debaixo do braço, parecia estudar as variações da atmosphera.

Quando avistou Raul, sua veneração profunda espalhou-se-lhe pela mascara pallida.

— O sr. agente superior!... murmurou curvando-se até ao nivel do passeio.

Mas logo o aspecto torvo do pretendido agente o esfriou de espanto.

— Que tem, santo Deus? balbuciou.

— Oiça e responda, disse Raul em tom sacudido.

— Oiço e respondo, disse Champitel com os dentes a baterem.

— O americano está cá?

— Sim, senhor.

— Com uma mulher?

— Sim, senhor.

— Que veiu de fiacre?

— Sim, senhor.

— Estão sós?

— Sim, senhor.

Em dois pulos Guérac galgou os vinte e cinco degraus. Chegado ao limiar, encostou-se ao muro; vergavam-lhe as pernas e um sinistro gargalhar rasgava-lhe a garganta.

Tomou folego e tocou á campainha.

Decorreram uns minutos; depois um passo magestoso fez estalar as tabuas do soalho e o sr. Gibson, n'um elegante *négligé*, mostrou a cabeça frisada.

Naturalmente o perfil de Raul desagradou-lhe, porque resmungou:

— Cá temos outra vez a policia!

E quiz tornar a fechar porta.

Guérac deu-lhe com o hombro um empurrão e entrou.

— Senhor! berrou o homem obeso em sua lingua de trapos, sou um cidadão livre dos Estados-Unidos e a sua policia...

Raul interrompeu-o dirigindo-se para outro quarto separado do primeiro por uma cortina de velludo.

O sr. Gibson deitou mão á cortina.

— Senhor, disse então o esposo ultrajado exhibindo a pistola, minha mulher está aqui, sei-o perfeitamente. Surprehendo-a em flagrante delicto de adulterio e a lei dá me o direito de vida ou morte sobre ella e sobre o senhor. Deixe-me passar ou dou ao gatilho.

Já se vê que do discurso o sr. Gibson nada ouviu porque era surdo; mas o medo deu-lhe valor; atirou-se ao adversario, agarrou-lhe o punho e, depois de curta lucta, arrancou-lhe a arma assassina e atirou com ella para debaixo d'um movel. Guérac desforrando-se, exasperado, agarrou-o pela gravata e atirou com elle quasi afogado para o meio do quarto mysterioso de que lhe queriam vedar a entrada.

A victima cahiu estatelada aos pés de Aurelia, que ali estava, de pé, assustadissima, sem chaile, sem chapeu, toda despenteada.

— Raul! exclamou ella.

E elle offegante, nervoso, a deitar espuma pela boca, cruzou os braços e poz no olhar, para lançar-lh'a em rosto, toda a nausea que lhe ia na alma.

— Raul! repetiu Aurelia.

— Infame! disse elle lentamente.

Aurelia recuou a cambalear; mas de repente correu para o marido e lançou-se-lhe nos braços com um grito.

O americano levantára-se e, tendo aberto uma gaveta, caminhava para Guerac com um rewolver em cada mão. E uivava:

— Dê-me logar, senhora! Deixe-me matar esse espião, esse bandido, esse ladrão!

Então ella approximou-se do sr. Gibson e gritou-lhe ao ouvido tão alto quanto poude:

— E' meu marido!

— Seu marido! resmungou o gorducho petrificado. Oh! diabo!

E logo, sem mais transição, recuperou o sangue frio, desarmou os rewolveres e cumprimentou Guérac.

— Queira ter a bondade de se assentar, disse-lhe apresentando-lhe uma poltrona.

Com tão inesperado desfecho, Raul pareceu um dorminhoco que tivessem acordado de repente. Deixou-se cahir, mudo, sobre a cadeira que lhe apresentavam.

A mulher disse-lhe:

— Poderá explicar-me o que significa todo este barulho? E mais ainda o que queriam dizer suas odiosas palavras?

De accusador, Raul passava a ser accusado. Pareceu-lhe que o craneo lhe estalava.

— Mas em nome do céu, que faz aqui? balbuciou. Quem é este homem?

— Ora adeus! Quer fingir que não o sabe!

— Fingir!.. Pois sei lá!

— Então, senhor, portou-se indignamente! A que ponto abusou de mim!

— Abusei!

— Pois não me disse conhecer o meu segredo?

— Sabia que vinha a esta casa.

— E então?

— E então... começo a esperar que me enganei...

— Que se enganou...

E, alumiada por uma idéa subita:

— Meu Deus!... Pois acaso... teria pensado...

E logo uma hilaridade convulsa atirou com ella, suffocada, para cima do canapé.

— Aurelia! Aurelia! exclamava Raul. Sou um idiota, sou, mas já agora demonstre-m'o, tenha comigo essa caridade.

Aurelia já não podia... As escalas do riso succediam-se em arpejos encantadores.

— Mas afinal quem é o sr.? vociferou Guérac na cara do sr. Gibson.

O basulaque adivinhára o dialogo; sorriu-se, como bom homem, e respondeu:

— O sr. sabe inglez?

— Sei.

— Então leia.

E deu a Raul um cartão impresso, de que aqui teem a fiel traducção:

DENTES GIBSON

Garantidos inalteraveis de côr e de materia
Postos sem extracção, ligaduras ou ganchos.
127, Regent's-Street

LONDRES

— Dentista! murmurou Guérac espantado, radiante, petrificado de alegria, de confusão, de surpreza.

E cahindo aos joelhos da mulher:

— Perdão! perdão!... Servir-te-ha toda a minha vida para que eu expie minhas duvidas injuriosas?

Aurelia já não ria.

A REGATA EM CASCAES — CORRIDAS DE VELAS — 29 DE SETEMBRO — Vid. *Chronica Occidental*

— Espere, tartamudeou com visivel atrapalhação. E' que ainda não sabe nada e tremo ao ter de entrar no caminho das confissões.

— E' pois coisa bem terrivel?

— Vai ver... E' que me falta...

— O que?

— Um dente!

— Mais nada?

— Pois não será bastante? Ai, Raul, quando fui tão desastrada que o parti, ha tres annos, cuidei que endoidecia. Aqui na frente, um incisivo, uma coisa horrivel!.. Foi então que M. de Logel, que me via tão afflicta, se lembrou de que havia em Londres um artista maravilhoso. Só elle no mundo, dizia M. Logel, era capaz de concertar uma bocca que enganasse o mais esperto. Escreveu-se ao grande homem, que consentiu em fazer incognito a viagem. A operação deu excellente resultado e desde então o sr. Gibson, o meu salvador, a minha providencia, tem a bondade de vir de tempos a tempos inspeccionar a sua obra prima.

(Continúa).

LIÇÕES DE PHOTOGRAPHIA

XIX

A acção do persulphato de ammonia sobre os saes de prata reduzidos pode facilmente ser aproveitada na photographia com o fim de enfraquecer qualquer cliché. Ao contrario do que succede com o reductor de Farmer e outros identicos, este sal tem sobre estes, a vantagem de parecer operar no cliché, mesmo nas partes mais opacas, conservando n'elle, as meias tintas, e permittindo egualmente attenuar os effeitos de uma revelação demasiada.

A solução que se deve empregar é de 5 % na agua, e n'esta se deve mergulhar o cliché, ou ainda, bezuntal-o com um pincel. O enfraquecimento é immediatamente notorio.

A operação termina mergulhando o cliché em uma solução de 10 % de sulphito de soda, e lavando-o em seguida.

Antes, porém, de effectuar o que dissemos, é indispensavel uma lavagem do cliché, com o fim de eliminar o excesso do hyposulphito proveniente da lavagem.

XX

Para sensibilisar o papel dos bilhetes postaes, adopta-se um processo facillimo.

Prepare-se a seguinte solução:

Agua distillada	10 gr.
Azotato de prata	4 »
Acido tartarico	4 »

Preparada esta, filtra-se e rolha-se muito bem, n'um frasco, podendo, no emtanto ser conservada á luz, porque esta não o altera.

Deixa-se permanecer o cliché durante algum tempo, no banho, fixando-o, em seguida, n'uma solução de 5 % de hyposulphito de soda.

Recebemos e agradecemos:

Concessões de terrenos no ultramar—*Discurso proferido na Camara dos Dignos Pares do Reino em sessão de 8 de abril de 1901, pelo digno par sr. Conde de Valenças — Imprensa Nacional, 1901.*

O excellente discurso que sobre concessões de terrenos no ultramar proferiu, em a sessão de 8 de abril do anno corrente na camara alta, o digno par e nosso illustre amigo sr. conde de Valenças, acaba de ser publicado em nitida *separata* retirada do *Diario das Camaras*, em que opportunamente foi inserto.

Os leitores do OCCIDENTE já conhecem na sua integra este magnifico discurso, porque devido a uma especial fineza, de que então démos os agradecimentos e agora os reiteramos ao sr. conde de Valenças, o publicámos no nosso numero 804 de 30 de abril ultimo e seguintes, antes de apparecer no *Diario das Camaras*, copiando-o fielmente das primeiras provas, fornecidas pela Imprensa Nacional.

Aquelles que não tiveram occasião de lêr este discurso, ser-nos-hia grato offerecer-lhes aqui uma idéa synthetica de tão bella peça oratoria, em que as flôres não excluem os fructos, amadurecidos por um estudo serio, copiosa de uteis esclarecimentos e assente sobre as mais patrioticas investigações. E' difficil, comtudo, resumir no estreito espaço d'estas despretenciosas noticias a idéa geral, sem que forçosamente se omittam pormenores importantissimos. Por isso aqui fica citada a *separata*, podendo ler-se ainda esse trabalho no respectivo numero do *Diario das Camaras* e nos referidos numeros do nosso periodico.

Pela sua enorme importancia bem merecia o projecto de lei sobre concessões de terrenos no ultramar que todos aquelles que prezam a civilisação e a autonomia nacionaes lhe prestassem o concurso dos seus conhecimentos, discutindo-o no que sem duvida elle tivesse de proficuo. Dos seus defensores e impugnadores foi bem reduzido o numero, embora a discussão se tornasse vehemente por vezes.

Tomando a palavra o digno par sr. conde de Valenças começou por definir a sua attitude, dezendo:

«No ponto em que vae a discussão do projecto do governo ácerca das concessões no ultramar, não usarei da palavra para o defender ou impugnar. Usarei d'ella tão apenas para o encarecer, associando o meu voto ao grande melhoramento publico, com que a actual situação politica deseja dotar o paiz.»

E fel o brilhantemente o distincto orador, mostrando notaveis conhecimentos da historia ultramarina, da respectiva legislação, da economia de cada provincia, e das necessidades instantes da civilisação moderna, necessidades a que o projecto procura satisfazer. E ainda n'este discurso se apresentam parallelos e comparações, que á semelhança de semente arrojada á terra, é muito possivel que mais tarde germinem com vantagem para a nação, taes são, entre outras, as escolas coloniaes, tão conceituosamente descripta a sua organisação nos paizes onde ellas existem já por iniciativa official já pela particular. Para as colonias deve-se exportar riqueza — diz o orador — e a principal é a dos braços: — homens educados praticamente, fortes, saudaveis, intelligentes.

Com tão sabia orientação o discurso do sr. conde de Valenças é um documento que fica como testemunho eloquente do seu patriotismo e do seu estudo e que ainda ha se ser citado e aproveitado. Nisto vae o seu maior elogio.